

VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES NAS REDES: QUANDO O FOGO É AMIGO

Isabella Bergo, Claudia Lago, Fernanda Bastos Pires Azevedo[1]

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise crítica das práticas de violência digital promovidas por feministas transexcludentes contra a filósofa Judith Butler nas redes sociais, com ênfase no Instagram da editora Boitempo durante a divulgação do livro "Quem tem medo do gênero?" (2024). Por meio de uma etnografia digital, foram analisadas nove publicações da editora Boitempo e seus comentários mais engajados, evidenciando o uso estratégico do discurso trans-excludente e o impacto dessas ações no fortalecimento de discursos conservadores e misóginos.

PALAVRAS-CHAVE: Violência digital; feminismos transexcludentes; Judith Butler; redes sociais; discurso de ódio.

A filósofa Judith Butler tem uma presença marcante no cenário feminista global e, especialmente, no Brasil, onde sua atuação foi alvo de intensas críticas de feministas transexcludentes (TERFs). No contexto da publicação do livro "Quem tem medo do gênero?", pela editora Boitempo em 2024, identificou-se um aumento expressivo de discursos de ódio direcionados à autora e à editora. As manifestações negativas envolveram desde comentários críticos até discursos abertamente violentos, refletindo uma complexa dinâmica de disputas internas no feminismo contemporâneo.

O feminismo transexcludente reivindica que a mulher possui uma natureza biológica e, por consequência dessa concepção, rejeita a inclusão de mulheres transgêneras, travestis e transexuais no movimento feminista. Nascimento (2021) destaca que essa rejeição está ligada à noção de outridade, uma vez que sustenta que as identidades trans e travesti são estrangeiras ao histórico de lutas de combate ao patriarcado. Para Nascimento, o transfeminismo emerge como uma contribuição

[1] Isabella Bergo é doutoranda do Programa de Ciências da Comunicação da ECA-USP; Claudia Lago é doutora, docente do Programa de Pós-Graduação Programa de Ciências da Comunicação da ECA-USP; Fernanda Bastos Pires Azevedo é doutoranda do Programa de Ciências da Comunicação da ECA-USP.

específica para pluralizar o feminismo e recusar categorias que tentam universalizar as mulheres dentro do movimento, criando outras mulheridades e interseccionalidades. De acordo com Nascimento:

> A despeito da forma como nos definimos como corpos trans* e travestigêneres, ao recursarmos a suposta verdade biológica imposto pelo CIStema sexo-gênero-desejo, entramos em um lugar de precarização de nossas existências, exatamente por ocuparmos um não lugar em relação ao gênero normativo (2021, p. 58).

Vieira e Bagagli (2018) enfatizam que o transfeminismo corrobora os esforços teóricos do feminismo de identificar o aspecto social e histórico da categoria de gênero, apontando para a ausência de correlação entre genital e gênero. “O transfeminismo, portanto, é em seu aspecto teórico aporte de compreensão dos corpos trans em seu aspecto político-social. É um movimento, uma luta pela inclusão das pessoas trans no mundo” (Vieira e Bagagli, 2018, p. 357). O feminismo transexcludente emerge na tensão com a reivindicação de pertencimento do transfeminismo.

A pesquisa adotou a etnografia digital (Hine, 2020) para analisar nove publicações do perfil da editora Boitempo no Instagram, entre dezembro de 2023 e abril de 2024. A etnografia digital permitiu uma observação sistemática das interações e dos discursos que emergiram nas redes sociais, especialmente nos comentários das postagens sobre o livro de Judith Butler. Os comentários foram categorizados em três principais abordagens: (1) deslegitimação de Butler como figura intelectual, (2) questionamento das alianças feministas e (3) uso de retórica conservadora para justificar exclusões de minorias de gênero.

A metodologia incluiu a análise quantitativa do engajamento das postagens e uma análise qualitativa das narrativas presentes nos comentários mais populares. Essa abordagem mista possibilitou não apenas identificar os discursos de ódio mais recorrentes, mas também compreender as estratégias retóricas utilizadas para disfarçar o preconceito sob o manto de discussões teóricas.

Os resultados da análise indicam que a utilização de argumentos teóricos do feminismo transexcludente para atacar Butler e a editora Boitempo não apenas fomenta a desunião interna no movimento feminista, como também fortalece narrativas

conservadoras e anti-gênero. Comentários como "Quem tem medo do sexo?" e "Sou socialista, mas não entendi nada do materialismo histórico dialético" evidenciam a apropriação de discursos críticos para questionar as alianças feministas e promover a exclusão de mulheres transgênero.

A análise aprofundada das postagens revelou que muitas das críticas à Butler e à editora utilizavam estratégias retóricas que distorciam conceitos feministas para justificar a exclusão de minorias de gênero. Essa prática, além de criar um ambiente hostil, amplificava o alcance de discursos conservadores, gerando maior engajamento negativo e promovendo a fragmentação do movimento feminista.

Esses discursos críticos não se limitam ao desacordo teórico, mas muitas vezes envolvem ataques pessoais e tentativas de deslegitimação da trajetória de Butler como intelectual e ativista. O uso de memes, ironias e sarcasmo nos comentários demonstrou como o humor pode ser instrumentalizado como ferramenta de violência simbólica, reduzindo discussões complexas a slogans simplistas e ofensivos.

As violências digitais perpetradas por feministas transexcludentes contra Judith Butler representam um desafio significativo para o feminismo contemporâneo. Em vez de fortalecer a luta coletiva, esses ataques contribuem para a fragmentação do movimento e para o avanço de discursos opressores. Este estudo destaca a relevância de promover o diálogo e evitar que disputas internas consumam o potencial transformador do feminismo.

Conforme Vieira e Bagagli (2018), o transfeminismo reivindica um lugar de pertencimento para travestis, mulheres transgêneras e transexuais na humanidade, de modo que os ataques como os analisados nesse trabalho demonstram um esforço organizado de negação da integração. Como consequência dessa tentativa de rejeição, o feminismo transexcludente tenta impor a naturalização da noção de gênero como fato biológico e reafirma um local de rejeição de direitos políticos obtidos pelo feminismo para as mulheres transgêneras, transexuais e travestis.

Collins (2024) associa o discurso de ódio contra mulheres, pessoas negras, LGBTQ e outras minorias ao fortalecimento de grupos de extrema direita, que se articulam nas redes para ameaçar e deslegitimar estes grupos. Lembrando o assassinato da ativista Marsha P. Johnson (2024, p.129) afirma que a “decisão de

viver abertamente como mulher trans" configura uma ameaça ao modo de existência que grupos conservadores querem impor à coletividade.

A construção de alianças e o fortalecimento de espaços seguros nas redes sociais para debates construtivos podem ser caminhos para mitigar o impacto desses discursos excludentes e promover a inclusão de todas as identidades na luta feminista. Reforça-se, portanto, a necessidade de uma mediação crítica das redes sociais, onde o debate teórico não se confunda com ataques pessoais, e onde as diferenças sejam respeitadas como parte do processo dialógico e democrático do feminismo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Barbara de Castro. **Go to hell: as memórias de gênero e de bruxa em uma manifestação contra Judith Butler em 2017**. Rio de Janeiro, 2020.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

CARLES, Pierre. **A sociologia é um esporte de combate**. França, CP Production VF Films, 2001.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersecções letais: raça, gênero e violência**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

HINE, Cristine.; PARREIRAS, Carolina.; LINS, Beatriz. Accioly. **A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana**. Organicom, 2020.

LEITÃO, Débora. K.; GOMES, Laura Graziela. **Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões**. Antropolítica, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.



VIEIRA, Helena; BAGAGLI, Bia Pagliarini. O transfeminismo como resultado histórico das trajetórias feministas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 351-378